

O SEGREDO DE HELENA

Alex

Pandora, Chipre
19 de julho de 2016



Comecei a ver a casa à medida que fui contornando com o carro os perigosos buracos – ainda não tapados, mesmo depois de dez anos, e cada vez mais fundos. Sacolejei mais um pouco, depois parei e contemplei Pandora, achando que não era assim tão bonita, ao contrário das requintadas fotos de imóveis de classe alta que vemos em sites que alugam para temporada. Em vez disso, ao menos vista pelos fundos, era uma casa sólida, sensata e quase austera, como sempre imaginei que teria sido seu habitante anterior. Construída com pedras locais de tom claro e quadrada como as casas de Lego que eu montava quando menino, Pandora se erguia da terra árida e pedregosa que a cercava e que, até onde a vista alcançava, estava coberta de tenras vinhas que começavam a brotar. Tentei conciliar a realidade com a imagem que eu levava na mente havia dez verões e concluí que a memória me prestara bons serviços.

Depois de estacionar o carro, contornei as paredes maciças até a frente da casa e o terraço, que é o que coloca Pandora acima do lugar-comum e a inclui numa espetacular categoria própria. Atravessando o terraço, fui até a balaustrada erguida em sua borda, no ponto exato que antecede o início do declive suave do terreno: uma paisagem repleta de vinhedos, uma ou outra casa pintada de branco e extensos olivais. Ao longe, uma linha de um azul-turquesa cintilante separava a terra e o céu.

Notei que o sol dava uma verdadeira aula magna ao se pôr, penetrando com seus raios amarelos no azul e o transformando em ocre. É interessante, pois sempre achei que a combinação de amarelo e azul resultava em verde. Olhei à direita, para o jardim abaixo do terraço. Os bonitos canteiros, tão cuidadosamente plantados por minha mãe dez anos antes, não tinham sido bem tratados e, sedentos de atenção e água, foram dominados pela terra árida e suplantados por um mato feio e espinhoso.

Mas ali, no centro do jardim, tendo ainda presa a ela uma ponta da rede em que mamãe costumava se deitar – as cordas parecendo espaguete velho e esfiapado –, erguia-se a velha oliveira. “Velha” foi o apelido que lhe dei na época, por ter sido informado pelos adultos que me cercavam de que ela o *era*. De fato, enquanto tudo ao redor morrera e fermentara, ela parecia haver crescido em estatura e majestade, talvez roubando a força vital de seus vizinhos botânicos depauperados, decidida, ao longo de séculos, a sobreviver.

Era muito bonita: uma vitória metafórica sobre a adversidade, com cada milímetro do tronco nodoso a exhibir orgulhosamente a sua luta.

Eu me perguntei por que os seres humanos odeiam o mapa de sua vida que transparece no próprio corpo, enquanto uma árvore como essa, ou uma pintura desbotada, ou uma construção desabitada, quase em ruínas, são enaltecidas por sua antiguidade.

Pensando nisso, me voltei para a casa e fiquei aliviado ao ver que, pelo menos por fora, Pandora parecia ter sobrevivido a seu abandono recente. Na entrada principal, tirei do bolso a chave de ferro e abri a porta. Ao percorrer os cômodos na penumbra, protegidos da luz pelas venezianas cerradas, percebi que minhas emoções estavam entorpecidas, e talvez fosse melhor assim. Não me atrevi a começar a sentir coisas, porque esse lugar, talvez mais do que qualquer outro, guarda a essência *dela*...

Meia hora depois, eu já tinha aberto as janelas do térreo e tirado os lençóis de cima dos móveis do salão. Parado numa bruma de partículas de poeira que captavam a luz do sol poente, lembrei-me de ter pensado, na primeira vez em que vi a casa, que tudo parecia muito velho. E me perguntei, ao olhar para as poltronas afundadas e o sofá puído, se, tal como a oliveira, o velho e ultrapassado em certo ponto se torna simplesmente velho, sem continuar a envelhecer de modo visível, como os avós grisalhos para uma criança pequena.

A única coisa na sala que tinha mudado de forma a ficar irreconhecível era eu, é claro. Nós, humanos, completamos a maior parte da nossa evolução física e mental em nossos primeiros anos no planeta Terra – de bebês a adultos plenos num piscar de olhos. Depois disso, ao menos por fora, passamos o resto da vida mais ou menos com a mesma aparência, apenas nos transformando em versões mais flácidas e menos atraentes do nosso eu jovem, à medida que os genes e a gravidade fazem o que sabem fazer de pior.

Quanto à dimensão afetiva e intelectual das coisas... bem, devo acreditar que há algumas vantagens que compensam o lento declínio do nosso envoltório externo. Estar de volta a Pandora me mostrou com clareza que elas existem. Tornando a entrar no corredor, ri do Alex que eu era. E me encolhi diante do meu eu anterior – aos 13 anos, um completo egocêntrico e perfeito pé no saco.

Abri a porta do “Armário das Vassouras” – apelido carinhoso que dei ao quarto que ocupei durante aquele longo e quente verão dez anos atrás. Ao procurar o interruptor, percebi que eu não subestimara as dimensões do cômodo e que, para dizer o mínimo, o espaço parecia haver encolhido ainda mais. Entrei nele com todo o meu 1,85 metro e me perguntei se, caso eu fechasse a porta, meus pés precisariam ficar pendurados para fora da janelinha, bem ao estilo Alice no País das Maravilhas.

Levantei os olhos para as estantes que preenchiavam os dois lados do quarto claustrofóbico e vi que os livros que eu arrumara trabalhosamente em ordem alfabética ainda estavam ali. Num gesto instintivo, peguei um deles – *Rewards and Fairies*, de Rudyard Kipling – e o folheei até encontrar o famoso poema. Ao ler os versos de “Se”, os sábios conselhos de um pai para um filho, senti meus olhos se encherem de lágrimas pelo adolescente que eu fora, tão desesperado para encontrar um pai. E que, depois de encontrá-lo, reconhecera que já o tinha.

Quando devolvia Rudyard a seu lugar na prateleira, avistei um livrinho de capa dura a seu lado e me dei conta de que era o diário que minha mãe me dera no Natal, alguns meses antes de eu vir a Pandora pela primeira vez. Todos os dias, durante sete meses, eu escrevera nele com assiduidade e, sabendo como eu era na época, pomposamente. Como todo adolescente, eu acreditava que minhas ideias e sentimentos eram únicos e inovadores, pensamentos que nenhum ser humano jamais tivera antes de mim.

Balancei a cabeça, triste, e suspirei como um ancião diante da minha ingenuidade. Eu havia deixado esse diário para trás ao voltar para casa, na Inglaterra, depois daquele longo verão em Pandora. E ali estava ele, passados dez anos, mais uma vez nas minhas mãos, hoje muito maiores. Uma lembrança dos meus últimos meses de criança, antes que a vida me arrasasse para a idade adulta.

Levando o diário comigo, saí do quarto e subi para o segundo andar. Ao caminhar pela penumbra do corredor abafado, sem saber exatamente

em qual cômodo queria me instalar durante minha temporada aqui, respirei fundo e fui ao quarto *dela*. Com toda a coragem possível, abri a porta. Talvez fosse minha imaginação – após uma década de ausência, achei que devia ser –, mas me convenci de que meus sentidos tinham sido tomados de assalto pelo aroma daquele perfume que um dia ela usara...

Fechei a porta com firmeza, ainda incapaz de lidar com a Caixa de Pandora das lembranças que voariam de qualquer um daqueles cômodos, e bati em retirada para o térreo. Vi que a noite caíra e estava escuro como breu do lado de fora. Consultei o relógio, acrescentei duas horas por conta da diferença de fuso horário e constatei que eram quase nove da noite – meu estômago vazio roncava, pedindo comida.

Descarreguei meus pertences que estavam no carro e guardei na despensa os mantimentos que havia comprado na loja do vilarejo, depois levei pão, queijo feta e uma cerveja morna para a varanda. Ali, sentado em meio ao silêncio cuja pureza só era rompida por uma ou outra cigarra sonolenta, tomei a cerveja e me perguntei se tinha sido mesmo uma boa ideia chegar dois dias antes dos outros. Pensar no meu próprio umbigo é algo que domino, a ponto de, recentemente, alguém ter me oferecido um emprego para exercer essa atividade em caráter profissional. Essa ideia, pelo menos, me fez rir.

Para tirar da cabeça a situação, abri o diário e li a dedicatória na primeira página:

Querido Alex, feliz Natal! Procure manter este diário em dia, escrevendo com regularidade. Talvez seja interessante lê-lo quando você for mais velho.

Com todo o meu amor, um beijo, M.

– Bem, mamãe, vamos torcer para você estar certa.

Dei um sorriso desanimado e fui pulando as páginas de prosa cheia de empáfia, até chegar ao começo de julho. E, à luz da lâmpada fraca e solitária pendurada acima de mim na pérgula, comecei a ler.

Julho de 2006

Chegadas



DIÁRIO DE ALEX

10 de julho de 2006

Meu rosto é perfeitamente redondo. Tenho certeza de que se poderia desenhá-lo com um compasso. Eu detesto o meu rosto.

No interior do círculo estão as maçãs do rosto. Quando eu era menor, os adultos costumavam puxar minhas bochechas, pegar minha carne entre os dedos e apertar. Esqueciam que não eram maçãs de verdade. As maçãs são inanimadas. São duras, não sentem dor. Quando se machucam, é só na superfície.

Tenho olhos bonitos, é bom que se diga. Eles mudam de cor. Minha mãe diz que, quando estou vivo por dentro, cheio de energia, eles são verdes. Quando fico estressado, passam a ter a cor do mar do Norte. Pessoalmente, acho que passam um bom tempo cinzentos, mas são bem grandes e têm formato de caroço de pêsego, e minhas sobrancelhas, mais escuras que meu cabelo – que é muito louro e escorrido –, formam uma bela moldura para eles.

No momento, estou me olhando no espelho. Brotam lágrimas em meus olhos, porque, quando não estou olhando para o meu rosto, na minha imaginação, posso ser quem eu quiser. Aqui, neste minúsculo banheiro de avião, a luz é cruel e brilha feito uma auréola acima da minha cabeça. Os espelhos de avião são a pior coisa do mundo: fazem a gente parecer um morto de 2 mil anos, recém-exumado.

Sob a camiseta, posso ver a banha que cai por cima do meu short. Seguro um punhado dela e moldo uma imitação sofrível do deserto de Gobi. Crio dunas com buraquinhos entre elas, dos quais poderia brotar uma ou outra palmeira em torno do oásis.

Depois disso, lavo minuciosamente as mãos.

Na verdade, gosto das minhas mãos, porque parecem não ter se jun-

tado à Marcha para a Gordolândia, que é onde o meu corpo resolveu morar no momento. Minha mãe diz que são dobrinhas, que o botão hormonal chamado “cresça para os lados” funcionou logo na primeira vez em que foi acionado. Infelizmente, o botão “cresça para cima” deu defeito. E não parece ter sido consertado até hoje.

Quem quer ter dobrinhas, além dos bebês?

Talvez eu precise de um pouco de exercício.

A boa notícia é esta: andar de avião dá uma sensação de ausência de peso, *mesmo que você seja gordo*. E há um monte de gente mais gorda que eu neste avião, porque eu vi. Se eu sou o deserto de Gobi, meu vizinho de assento é o Saara. Os braços dele monopolizam os dois braços da poltrona, e a pele, os músculos e a gordura dele invadem o meu espaço pessoal feito um vírus mutante. Isso realmente me irrita. Guardo minha carne comigo, no território que me foi designado, mesmo que, nesse processo, acabe com uma tremenda contratura muscular.

Por algum motivo, sempre que estou num avião, penso em morrer. A bem da verdade, penso em morrer onde quer que eu esteja. Talvez estar morto seja meio parecido com a falta de peso que a gente sente dentro deste tubo de metal. Na última vez em que andamos de avião, minha irmãzinha perguntou se estava morta, porque alguém tinha lhe dito que o vovô estava numa nuvem. Ela achou que poderia vê-lo quando passamos por uma.

Por que os adultos contam essas histórias ridículas às crianças? Isso só cria problemas. De minha parte, nunca acreditei em nenhuma delas.

Minha mãe desistiu de tentar usá-las comigo há anos.

Ela me ama, a mamãe, apesar de eu ter me transformado no Sr. Geleca nos últimos meses. Ela jura que, um dia, terei que me abaixar para ver meu rosto em espelhos como este, respingados de água. Venho de uma família de homens altos, ao que parece. Não que isso me console. Já li sobre genes que pulam gerações e, conhecendo a minha sorte, serei o primeiro anão gordo em centenas de varões da família Beaumont.

Além disso, mamãe esquece que está ignorando o DNA do outro lado que ajudou a me gerar...

Esta é uma conversa que estou decidido a ter nestas férias. Não me

importa quantas vezes ela tente pular fora, com medo, e mude convenientemente de assunto. A história de que nasci de uma sementinha já não é satisfatória.

Preciso saber.

Todos dizem que eu me pareço com ela. Mas é o que diriam, não? Dificilmente poderiam me achar semelhante a um espermatozoide não identificado.

Na verdade, o fato de eu não saber quem é meu pai também poderia contribuir para qualquer delírio de grandeza que eu já tenha. O que é muito insalubre, especialmente para uma criança como eu, se é que ainda sou criança. Ou se já fui, coisa de que eu próprio duvido.

Neste exato momento, enquanto meu corpo dispara pela Europa Central, meu pai poderia ser qualquer pessoa que eu quisesse imaginar, qualquer um que me conviesse. Por exemplo, o avião poderia estar prestes a cair, e talvez o comandante tivesse apenas um paraquedas extra. Eu me apresentaria a ele como seu filho, e ele com certeza iria me salvar, não iria?

Pensando bem, talvez seja melhor eu não saber. Talvez as minhas células-tronco venham de algum lugar do Oriente e, nesse caso, eu deveria aprender mandarim para me comunicar com meu pai, e essa é uma língua megadifícil de dominar.

Às vezes eu gostaria que a mamãe se parecesse mais com outras mães. Quer dizer, ela não é a Kate Moss nem nada, porque é bem velha. Só que é constrangedor quando os meus colegas de turma, meus professores ou outros homens olham para ela *daquele* jeito. Todo mundo a adora, porque ela é gentil e divertida, e cozinha e dança ao mesmo tempo. E, às vezes, o meu pedacinho dela não parece grande o bastante, e eu queria não ter que dividi-la.

Porque ela é quem eu mais amo.

Mamãe não era casada quando me deu à luz. Cem anos atrás, eu teria nascido num abrigo para pobres e o provável é que nós dois morrêssemos de tuberculose poucos meses depois. Seríamos enterrados numa vala e nossos esqueletos jazeriam juntos por toda a eternidade.

Costumo me perguntar se ela fica constrangida com o lembrete vivo da sua imoralidade, que sou eu. Será por isso que está me mandando estudar fora?

Pronuncio *imoralidade* diante do espelho. Gosto de palavras. Eu as coleciono como meus colegas de turma colecionam figurinhas de futebol ou garotas, dependendo do nível de maturidade em que estejam. Gosto de selecionar palavras, de encaixá-las nas frases, para expressar com a maior exatidão possível as ideias que tenho. Um dia, talvez eu queira brincar com elas profissionalmente. Vamos encarar os fatos: com meu físico atual, nunca serei jogador do Manchester United.

Alguém está socando a porta. Perdi a noção do tempo, como sempre. Olho para o relógio e constato que estou aqui há mais de vinte minutos. Agora vou ter que encarar uma fila de passageiros zangados, aflitos para fazer xixi.

Dou mais uma espiada no espelho – uma última olhadela no Sr. Geleca. Desvio os olhos, respiro fundo e saio como se eu fosse o Brad Pitt.



– Estamos perdidos. Tenho que parar.

– Meu Deus, mãe! Está um breu lá fora, e estamos pendurados na encosta de uma montanha! Não tem *nenhum* lugar para a gente parar.

– Não entre em pânico, querido. Vou encontrar um lugar seguro.

– Seguro? Se eu soubesse, tinha trazido meus grampos e minha picareta de alpinista.

– Tem um acostamento ali.

Helena conduziu aos trancos e barrancos o carro alugado, ao qual não estava habituada, fez uma curva fechada e parou. Olhou de relance para o filho, que tapava os olhos com os dedos, e pôs a mão no joelho dele.

– Pode olhar agora – avisou.

Em seguida espiou pela janela, vendo a descida íngreme para o vale, e avistou as luzes dos vaga-lumes no litoral, piscando lá embaixo.

– É lindo – suspirou.

– Não, mamãe, não é “lindo”. “Lindo” é quando não estamos perdidos no interior de um país estrangeiro, a poucos passos de despencar 600 metros para a morte certa, num vale lá embaixo. Eles nunca ouviram falar em barreiras de proteção por aqui?

Helena ignorou o garoto e bateu o teto do carro, procurando o interruptor da luz interna.

– Passe esse mapa para mim, querido.

Alex obedeceu e Helena examinou o papel.

– Está de cabeça para baixo, mamãe – observou o menino.

– Está bem, está bem. – Ela desvirou o mapa. – Immy ainda está dormindo?

Alex se virou e olhou para a irmã de 5 anos, estirada no banco de trás com Lamby, sua ovelhinha de pelúcia, aninhada em segurança debaixo do braço.

– Está. E é bom mesmo que esteja. Esta viagem poderia deixá-la traumatizada. Ela nunca andar­á na montanha-russa do Alton Towers se vir onde estamos agora.

– Certo. Sei onde eu errei. Precisamos voltar, descer o morro...

– Montanha – corrigiu Alex.

– ...virar à esquerda na placa para Kathikas e subir por essa estrada. Tome.

Helena entregou o mapa a Alex e engatou o que pensou ser a marcha a ré. O carro deu um solavanco para a frente.

– *MAMÃE!*

– Desculpe.

Com uma deselegante meia-volta em três manobras, Helena reconduziu o carro à estrada principal.

– Pensei que você soubesse onde ficava esse lugar – resmungou Alex.

– Querido, eu só era dois anos mais velha que você na última vez em que estive aqui. Para sua informação, isso foi há quase 24 anos. Mas tenho certeza de que vou reconhecer o lugar quando chegarmos ao vilarejo.

– Se chegarmos.

– Pare de ser tão estraga-prazeres! Você não tem nenhum espírito de aventura?

Helena sentiu alívio ao ver uma curva com uma placa que indicava Kathikas. Seguiu o caminho indicado e disse:

– Vai valer a pena quando chegarmos lá, você vai ver.

– Nem fica perto da praia. E eu detesto azeitona. *E* os Chandlers. O Rupert é um baba...

– Chega, Alex! Se você não consegue pensar em nada positivo para dizer, apenas cale a boca e me deixe dirigir.

Alex mergulhou num silêncio emburrado, enquanto Helena encorajava o Citroën a subir a ladeira íngreme, pensando em como fora uma pena o avião se atrasar, fazendo-os aterrissar em Pafos logo após o pôr do sol. Quando foram liberados pelo serviço de imigração e localizaram o carro alugado, já estava escuro. Ela andara saboreando a ideia de fazer aquela viagem às montanhas, de visitar sua vívida lembrança da infância e de revê-la pelos olhos dos filhos.

Mas era frequente a vida não ficar à altura das expectativas, pensou, especialmente quando se tratava de memórias tão antigas. E Helena tinha

consciência de que o verão que havia passado ali, aos 15 anos, na casa do padrinho, estava salpicado com o pó mágico da história.

Por mais ridículo que fosse, ela precisava que a casa se mostrasse tão perfeita quanto em suas lembranças. Em termos lógicos, sabia que isso não seria possível, que rever a casa talvez fosse como encontrar o primeiro amor depois de 24 anos: captado pelos olhos da memória, reluzindo com a força e a beleza da juventude, mas, na realidade, grisalho e se desintegrando lentamente. Ela sabia que *essa* também era outra possibilidade...

Ele ainda estaria lá?

Helena apertou o volante e afastou com firmeza tal ideia.

Era fatal que a casa, chamada Pandora, que lhe parecera uma mansão naqueles tempos, fosse menor do que ela se lembrava. Os móveis antigos, encomendados da Inglaterra por Angus, seu padrinho, na época em que ele reinava soberano sobre os remanescentes do Exército britânico ainda lotado no Chipre, pareceram-lhe requintados, elegantes, intocáveis. Os sofás de tecido adamascado, de um azul-claro acinzentado, na penumbra da sala de estar – cujas venezianas permaneciam habitualmente cerradas para impedir a entrada do brilho solar que tudo desbotava –, a escrivaninha georgiana no escritório a que Angus se sentava todas as manhãs, abrindo cartas com uma espada em miniatura, e a grande mesa de jantar de mogno, cuja superfície lisa se assemelhava a um ringue de patinação, todos montavam sentinela em sua memória.

Fazia três anos que Pandora estava vazia, desde que Angus fora obrigado a voltar à Inglaterra por problemas de saúde. Entre amargas reclamações de que o atendimento médico no Chipre era tão bom quanto o do Serviço Nacional de Saúde em sua terra natal, senão melhor, até ele tivera que admitir, de má vontade, que a falta de um par de pernas confiáveis e as idas constantes a um hospital situado a 45 minutos de distância não tornavam particularmente conveniente morar num vilarejo montanhoso.

Por fim, ele acabara desistindo da luta para permanecer em sua amada Pandora e, havia seis meses, morrera de pneumonia e tristeza. Um corpo já frágil, que tinha passado a maior parte de seus 78 anos em climas subtropicais, sempre tivera pouca probabilidade de se adaptar à umidade cinzenta e implacável de um subúrbio residencial escocês.

Deixara tudo para Helena, sua afilhada – inclusive Pandora.

Helena chorara ao saber da notícia. Lágrimas com um toque de culpa

por não ter posto em prática os constantes planos de visitar com mais frequência o padrinho na clínica de repouso.

O toque do celular, nas profundezas da bolsa, invadiu seus pensamentos.

– Atenda, por favor, querido – pediu ela a Alex. – Deve ser o papai, para saber se já chegamos.

Alex fez a habitual busca malsucedida na bolsa da mãe, conseguindo pescar o celular momentos depois de ele parar de tocar. Verificou o registro de chamadas.

– *Era* o papai. Quer que eu ligue de volta?

– Não. A gente liga quando chegar lá.

– *Se* chegar.

– É claro que vamos chegar. Estou começando a reconhecer o caminho. Agora não faltam nem dez minutos.

– A Taberna Hari já existia quando você veio aqui? – indagou Alex, ao passarem por uma reluzente palmeira de neon na frente de um restaurante espalhafatoso, cheio de caça-níqueis e cadeiras de plástico branco.

– Não, mas esta é uma estrada nova, com uma porção de lojas e bares para pescar turistas. Na minha época, havia pouco mais que uma trilha descendo do vilarejo até a casa.

– Aquele lugar tem TV a cabo. Podemos ir lá, uma noite? – perguntou ele, esperançoso.

– Talvez.

A visão que Helena tinha de noites amenas, passadas no maravilhoso terraço de Pandora, com vista para os olivais, bebendo o vinho de produção local e se banquetecendo com figos colhidos diretamente dos galhos, não incluía TV a cabo nem palmeiras de neon.

– Mãe, exatamente até que ponto é simples essa casa para onde estamos indo? Quer dizer, tem eletricidade?

– É claro que tem, seu bobo. – Helena rezou para que a chave de luz tivesse sido ligada pela vizinha que havia ficado com as chaves. – Olhe, agora estamos entrando no vilarejo. São só mais alguns minutos e estaremos lá.

– Acho que eu poderia voltar para aquele bar de bicicleta – resmungou Alex. – Se eu pudesse arranjar uma bicicleta.

– Eu ia da casa ao vilarejo de bicicleta quase todo dia.

– Era um biciclo?

– Era uma bicicleta normal, com três marchas e uma cestinha. – Helena sorriu ante a lembrança. – Eu costumava ir buscar o pão na padaria.

– Igual à bicicleta da bruxa em *O Mágico de Oz*, quando ela passa pela janela da Dorothy?

– Exatamente. Agora, fique quieto, tenho que me concentrar. Vamos entrar pelo outro lado da rua, por causa da estrada nova, e preciso me localizar.

À sua frente, Helena viu as luzes do vilarejo. Diminuiu a velocidade quando a rua começou a se estreitar e o cascalho duro foi estalando sob os pneus. Começou a reconhecer construções de pedra cipriota, de tom creme, até finalmente formarem uma parede contínua, dos dois lados da rua.

– Olhe, logo ali adiante está a igreja.

Helena apontou para o prédio que tinha sido a alma da pequena comunidade de Kathikas. Na passagem, viu alguns jovens conversando em volta de um banco no pátio externo, com a atenção concentrada nas duas garotas de olhos pretos que se reclinavam nele, ociosas.

– Esse é o centro do vilarejo – disse ela.

– Um verdadeiro point, é óbvio.

– Parece que abriram duas tabernas muito boas aqui nos últimos anos. Olhe, ali está a loja. Eles a ampliaram, pegando a casa vizinha. Vendem absolutamente tudo que você possa querer comprar.

– Vou dar uma passada lá e pegar o último CD dos All-American Rejects, que tal?

– Ora, Alex! – A paciência de Helena se esgotou. – Sei que você não queria vir para cá, mas, pelo amor de Deus, você ainda nem viu Pandora! Ao menos dê uma chance. Se não for por você, que seja por mim!

– Está bem. Desculpe, mãe, desculpe.

– O vilarejo era muito pitoresco e, pelo que estou vendo, não parece ter mudado quase nada – disse Helena, com alívio. – Podemos explorá-lo amanhã.

– Agora estamos saindo do vilarejo, mãe – comentou Alex, nervoso.

– Sim. A esta hora não dá para vê-los, mas dos nossos dois lados há acres e mais acres de vinhedos. Houve época em que os faraós despachavam vinho daqui para o Egito, por ele ser tão bom. É aqui que nós viramos, tenho certeza. Segure firme. A estrada é bem acidentada.

Conforme a trilha áspera de cascalho foi descendo e serpenteando por

entre os vinhedos, Helena reduziu a marcha para a primeira e acendeu os faróis altos, na intenção de contornar os buracos traiçoeiros.

– Você andava de bicicleta aqui todo dia? – indagou Alex, surpreso. – Uau! É incrível que não tenha acabado no meio das vinhas.

– Às vezes eu ia parar lá, mas a gente aprende a conhecer os piores trechos.

Helena se sentiu estranhamente reconfortada pelo fato de os buracos serem tão ruins quanto ela recordava. Andara sentindo pavor de ruas asfaltadas.

– Já chegou, mamãe? – perguntou uma voz sonolenta no banco de trás.
– Sacode muito.

– Sim, estamos chegando, querida. Mais alguns segundos, literalmente.

Sim, estamos chegando...

Uma mistura de empolgação e nervosismo a atravessou ao fazer a curva para uma estrada mais estreita e avistar a silhueta escura e sólida de Pandora. Guiou o carro por entre os portões de ferro batido enferrujados, eternamente abertos naqueles anos distantes e, a esta altura, quase certamente incapazes de movimento.

Parou o carro e desligou o motor.

– Chegamos.

Não houve reação de seus dois filhos. Com uma olhadela para trás, viu que Immy tornara a pegar no sono. Alex continuava no banco do carona, olhando diretamente para a frente.

– Vamos deixar a Immy dormir enquanto eu procuro a chave – sugeriu Helena, ao abrir a porta e ser tomada de assalto pelo ar quente da noite.

Desceu do carro, parou e aspirou o cheiro potente de azeitonas, uvas e terra do qual ela se lembrava vagamente – a um mundo de distância das rodovias asfaltadas e das palmeiras de neon. O olfato era *mesmo* o mais poderoso dos sentidos, pensou. Evocava um momento específico, uma atmosfera, com minuciosa precisão.

Absteve-se de perguntar a Alex o que ele achava da casa, porque ainda não havia nada para achar e ela não suportaria uma resposta negativa. Estavam parados no intenso negrume dos fundos de Pandora, com suas janelas de venezianas fechadas e trancada como um quartel.

– Está superescuro, mãe.

– Vou acender de novo o farol alto. Angelina disse que ia deixar a porta dos fundos aberta.

Helena pôs a mão dentro do carro e acendeu os faróis. Atravessou o trecho de cascalho até a porta, com Alex nos seus calcanhares. A maçaneta de latão girou com facilidade e ela abriu a porta, procurando um interruptor. Ao encontrá-lo, prendeu a respiração e o apertou. A área dos fundos ficou subitamente banhada em luz.

– Graças a Deus – murmurou ela, abrindo outra porta e acendendo outro interruptor. – Aqui é a cozinha.

– É, estou vendo. – Alex perambulou pelo lugar amplo e abafado, que continha uma pia, um fogão velhíssimo, uma grande mesa de madeira e um guarda-louça galês que ocupava uma parede inteira. – É bem simples.

– Angus raramente vinha aqui. A empregada cuidava de todo o serviço doméstico. Acho que ele nunca preparou uma refeição em toda a sua vida. Isto aqui era praticamente uma central de trabalho, não o cômodo confortável que são as cozinhas de hoje.

– E onde ele comia?

– Lá fora, no terraço, é claro. É o que todos fazem aqui.

Helena abriu a torneira. Um filete de água escorreu com relutância, depois se transformou numa torrente.

– Parece que não tem geladeira – comentou Alex.

– Fica na despensa. Angus recebia gente com tanta frequência e era tão demorada a ida a Pafos que ele também mandou instalar um sistema de refrigeração na própria despensa. E não, antes que você pergunte, não existia freezer naquela época. A porta é logo à sua esquerda. Vá ver se a geladeira continua lá, sim? Angelina disse que nos deixaria leite e pão.

– Claro.

Alex se afastou e Helena, acendendo as luzes à medida que avançava, descobriu-se no vestibulo principal, na parte da frente da casa. O piso desgastado de pedra, disposto num padrão de tabuleiro de xadrez, ecoava sob seus passos. Ela ergueu os olhos para a escadaria principal, cujo pesado corrimão curvo fora feito por artesãos habilidosos, com carvalho que, ela se lembrava, Angus mandara vir especialmente da Inglaterra. Atrás dela ficava um relógio carrilhão que parecia um soldado, mas já não funcionava.

Aqui o tempo parou, pensou consigo mesma enquanto abria a porta da sala. Os sofás de tecido adamasado estavam cobertos por lençóis, para evitar a poeira. Helena puxou um deles e afundou na maciez aveludada. O tecido, embora ainda imaculado e sem manchas, pareceu-lhe frágil sob os

dedos, como se seu material, embora não sua presença, tivesse sido delicadamente desgastado. Helena se levantou e atravessou o cômodo até uma das duas portas francesas que davam para a área externa da frente da casa. Abriu as persianas de madeira que protegiam o salão do sol, destrancou a dura maçaneta de ferro e saiu para o terraço.

Alex a encontrou ali, segundos depois, debruçada sobre a balaustrada que delimitava a área.

– A geladeira parece sofrer de um ataque horrível de asma – disse ele –, mas lá dentro tem leite, ovos e pão. E disto aqui, decididamente, nós temos o suficiente, pode crer – acrescentou, balançando um enorme salame rosado diante da mãe, que não respondeu.

Ele chegou mais perto.

– Bonita vista – acrescentou.

– É espetacular, não? – Helena sorriu, satisfeita por ele ter gostado.

– Aquelas luzinhas miúdas lá embaixo são o litoral?

– Sim. De manhã você vai conseguir ver o mar, mais adiante. E os olivais e vinhedos que descem abaixo de nós até o vale, com as montanhas dos dois lados. Há uma oliveira deslumbrante no jardim, logo ali. Diz a lenda que ela tem mais de 400 anos.

– Velha... como parece ser tudo aqui. – Alex olhou para baixo, depois para a esquerda e a direita. – Este lugar é muito, hum, isolado, não é? Não estou vendo nenhuma outra casa.

– Achei que as construções poderiam ter subido por aqui, como ao longo da costa, mas não aconteceu. – Helena se virou para o filho. – Me dê um abraço, querido. – Envolveu-o nos braços. – Estou muito contente por estarmos aqui.

– Ótimo. Fico contente por você estar contente. Importa-se de levarmos a Immy para dentro agora? Tenho medo de que ela acorde, se assuste e saia andando por aí. E estou morto de fome.

– Primeiro, vamos lá em cima escolher um quarto para colocá-la. Depois, talvez você possa me dar uma mãozinha, carregando-a para lá.

Helena voltou com Alex pelo terraço, parando sob a pérgula coberta de vinhas, que proporcionava um bem-vindo abrigo do sol do meio-dia. A mesa comprida de ferro batido, com a tinta branca descascando e quase toda coberta de folhas mortas caídas das vinhas, ainda se erguia desamparada embaixo dela.

– Era aqui que fazíamos todas as refeições, na hora do almoço e à noite. E também tínhamos que nos vestir adequadamente. Maiôs ou calções molhados não eram permitidos à mesa do Angus, por mais calor que fizesse – acrescentou ela.

– Você não vai obrigar a gente a fazer isso, vai, mãe?

Helena bagunçou a farta cabeleira loura do filho e o beijou no alto da cabeça.

– Vou me considerar com sorte se conseguir pôr todos vocês à mesa, vistam o que vestirem. Como os tempos mudaram! – exclamou, suspirando, depois lhe estendeu a mão. – Ande, vamos subir e explorar a casa.



Era quase meia-noite quando Helena finalmente se sentou na varandinha do quarto de Angus. Immy dormia a sono solto na imensa cama de mogno. Helena tinha decidido que a mudaria no dia seguinte para um dos dois quartos em que havia um par de camas de solteiro, assim que descobrisse onde era guardada toda a roupa de cama. Alex havia ficado mais adiante no corredor, deitado num colchão sem forro. Tinha fechado todas as venezianas, na tentativa de se proteger dos mosquitos, embora o calor resultante no quarto fosse intenso como o de uma sauna. Nessa noite, não havia o menor sopro de brisa.

Helena apanhou a bolsa e dela tirou o celular e um maço de cigarros amassado. Pôs os dois no colo e os fitou. Primeiro um cigarro, decidiu. Ainda não queria que o encanto fosse quebrado, ainda não. Sabia que William, seu marido, não *pretenderia* dizer nada que a jogasse de volta à realidade, de supetão, mas o provável era que o fizesse. E nem seria culpa dele, porque fazia todo o sentido William lhe dizer se o homem tinha ido ou não consertar o lava-louça, e perguntar onde ela havia escondido os sacos de lixo, porque era preciso levar o lixo lá para fora, para a coleta do dia seguinte. Ele presumiria que Helena ficaria contente em saber que estava tudo sob controle.

E... ela ficaria. Só que não *agora*...

Acendeu o cigarro, deu uma tragada e se perguntou por que havia algo de tão sensual em fumar no calor de uma noite mediterrânea. Ela fumara pela primeiríssima vez a poucos metros de onde se sentava agora. Na oca-

sião, tinha se deleitado, cheia de culpa, com a ilegalidade daquele ato. Passados 24 anos, sentia-se igualmente culpada, desejando que este fosse um hábito que ela conseguisse perder. Naquela época, ela era jovem demais para fumar; agora, com quase 40 anos, estava velha demais. Essa ideia a fez sorrir. Sua juventude, encapsulada entre a última vez que ela estivera nessa casa, fumando seu primeiro cigarro, e esta noite.

Naquela época, eram muitos os sonhos, com a perspectiva da idade adulta se estendendo diante dela. A quem amaria? Onde iria morar? Até onde seu talento a levaria? Será que ia ser feliz...?

E agora, quase todas estas perguntas tinham sido respondidas.

– Por favor, permita que estas férias sejam tão perfeitas quanto possível – murmurou para a casa, a lua e as estrelas.

Nas semanas anteriores, tivera uma estranha sensação de desastre iminente, a qual, por mais que tentasse, simplesmente não tinha conseguido afastar. Talvez fosse o fato de ela estar se aproximando rapidamente de um aniversário que era um marco. Ou talvez fosse apenas por saber que estaria voltando *para cá*...

Já sentia a atmosfera mágica de Pandora a envolvê-la, como se a casa fosse descascando suas camadas protetoras e a desnudando até a alma. Tal como tinha feito da última vez.

Apagando o cigarro parcialmente fumado e lançando-o na noite, pegou o celular e digitou o número de casa, na Inglaterra. William atendeu no segundo toque.

– Oi, querido, sou eu – anunciou ela.

– E então, vocês chegaram bem? – perguntou ele, e Helena sentiu-se instantaneamente reconfortada pelo som da sua voz.

– Chegamos. Como estão as coisas em casa?

– Bem. Sim, bem.

– Como vai o aprendiz de terrorista de 3 anos? – indagou ela com um sorriso.

– Fred finalmente apagou, graças a Deus. Está muito aborrecido por vocês terem ido embora e o deixado com seu velho pai.

– Estou com saudade dele. Mais ou menos. – Helena deu um risinho baixo. – Com o Alex e a Immy aqui, pelo menos terei uma chance de organizar a casa antes de vocês dois chegarem.

– Está habitável?

– Acho que está, sim, mas poderei ver melhor de manhã. A cozinha é muito simples.

– Por falar em cozinha, o homem do lava-louça veio hoje.

– E?

– Ele o consertou, mas bem que podíamos ter comprado um novo, pelo tanto que custou o reparo.

– Puxa vida. – Helena reprimiu um sorriso. – Os sacos de lixo estão na segunda gaveta de baixo, à esquerda da pia.

– Eu ia mesmo perguntar. O lixeiro vem amanhã, você sabe. Você me liga de manhã?

– Ligo, sim. Dê um beijão no Fred e outro para você. Até amanhã, querido.

– Tchau. Durma bem.

Helena passou mais um tempo sentada, contemplando o deslumbrante céu noturno – inundado por uma miríade de estrelas, que ali pareciam brilhar com muito mais luz –, e sentiu que o cansaço começava a substituir a adrenalina. Entrou pé ante pé e se deitou na cama ao lado da filha. E, pela primeira vez em semanas, adormeceu imediatamente.

DIÁRIO DE ALEX

11 de julho de 2006

Eu o escuto. Pairando em algum ponto acima de mim, no escuro, afiando os dentes para se preparar para a refeição.

Que sou eu.

Mosquitos têm dentes? Devem ter, pois de que outra maneira conseguiriam perfurar a pele? No entanto, quando chego ao máximo dos máximos e consigo esmagar um dos safados contra a parede, não ouço nenhum barulho de trituração, só o som de algo macio sendo amassado. Nenhum estalo, que foi o que ouvi quando caí do trepa-trepa aos 4 anos e quebrei o dente da frente.

Às vezes, eles têm a ousadia de vir zumbir no ouvido da gente, alertando-nos para o fato de que estamos prestes a ser devorados. Você fica deitado ali, agitando os braços no ar, enquanto eles fazem uma dança invisível mais acima, provavelmente dando risadas histéricas da sua vítima infeliz.

Tiro o Cê da mochila e o ponho ao meu lado, embaixo do lençol. Ele ficará bem, porque não precisa respirar. Só para deixar registrado, ele não é um Cê de verdade, é um coelhinho de pelúcia, um coelho da mesma idade que eu. Chama-se Cê porque é o "C" de Coelho. Foi assim que o chamei quando era pequenininho – mamãe diz que essa foi uma das minhas primeiras palavras – e o nome pegou.

Ela também falou que eu o ganhei de "alguém especial" quando nasci. Acho que deve estar se referindo ao meu pai. Por mais triste e patético que seja, aos 13 anos, ainda dividir a cama com um velhíssimo coelhinho de brinquedo, não me importo. Ele, o Cê, é o meu talismã, a minha rede de segurança e o meu amigo. Eu conto tudo a ele.

Muitas vezes pensei que, se alguém pudesse reunir todos os zi-

Lhões de chupetas e bichinhos de pelúcia num só lugar e interrogá-los, aprenderia muito mais sobre as crianças com quem eles dormem do que qualquer pai ou mãe. Simplesmente porque eles de fato escutam sem interromper.

Cubro as partes vulneráveis do meu corpo da melhor maneira possível, com várias peças de roupa – dando especial atenção às bochechas gorduchas, que dariam a um mosquito café da manhã, almoço e jantar numa sugada só.

Acabo pegando no sono. Eu acho, pelo menos. Quer dizer, espero que eu esteja sonhando, porque me vejo numa fornalha ardente, com chamas lambendo meu corpo e o calor fazendo minha pele derreter e soltar dos ossos.

Acordo e vejo que ainda está escuro, percebo que não consigo respirar e encontro uma cueca cobrindo meu rosto – razão por que está escuro e não consigo respirar. Afasto a cueca, aspiro um pouco de ar e vejo faixas de luz infiltrando-se pelas venezianas.

Amanheceu. Estou banhado em suor, mas, se aquele insetinho safado não me pegou, valeu a pena.

Levanto-me molhado do colchão e arranco do corpo a roupa encharcada. Cambaleio até um espelhinho embaçado em cima da cômoda para inspecionar meu rosto. E vejo uma enorme picada vermelha na minha bochecha direita.

Xingo, usando palavras que minha mãe detestaria, e me pergunto como ele conseguiu se enfiar por baixo da cueca para me pegar. Todos os mosquitos fazem parte de uma força de elite altamente treinada na arte da infiltração.

Além da picada, todo o meu rosto está vermelho como uma maçã. Viro para as janelas, abro as venezianas e pisco feito uma toupeira ao pisar na varandinha. Sinto o calor do sol matinal me queimar como a fornalha do meu sonho.

Depois que minha vista se adapta à luminosidade, percebo que a paisagem é incrível, exatamente como minha mãe disse que seria. Estamos num ponto elevado, empoleirados numa encosta de montanha e a paisagem abaixo, amarela, marrom e verde-oliva, é árida e seca como eu. Longe, bem longe, o mar azul cintila ao sol. Baixo então os olhos e me concentro na figurinha na extremidade do terraço abaixo de mim.

Minha mãe está usando a balaustrada como barra de apoio. Seu cabelo dourado balança harmonicamente enquanto ela inclina a metade superior do corpo para trás, feito uma contorcionista, e vejo claramente o desenho de suas costelas sob a malha. Ela faz essa sequência de exercícios de balé todas as manhãs. Até no dia de Natal ou depois de ter dormido muito tarde e tomado algumas taças de vinho. Na verdade, no dia em que não fizer, vou saber que há algo terrivelmente errado com ela.

Outras crianças ganham cereal e torradas no café da manhã, com pais que se mantêm na posição vertical. Eu ganho o rosto da minha mãe, me olhando de cabeça para baixo por entre as pernas e me pedindo para pôr a chaleira no fogo.

Uma vez ela tentou me levar para fazer balé. Essa é uma coisa em que, decididamente, não somos parecidos.

De repente, sinto uma sede incrível, insuportável. E também uma tonteira. O mundo gira ligeiramente e caio para trás, em cima do colchão, fechando os olhos.

De repente estou com malária. De repente aquele mosquito acabou comigo e tenho poucas horas de vida.

Seja o que for, preciso de água e da minha mãe.

2

– Desidratação. É só isso. Dissolva o conteúdo deste pacotinho em água. Dê a ele um agora e outro antes de ele se deitar para dormir. E você, rapazinho, tome bastante líquido.

– Tem certeza de que não é malária, doutor? – Alex olhou com desconfiança para o diminuto cipriota. – Pode me dizer, sabe? Eu posso lidar com isso.

– É claro que não é malária, Alex – rebateu Helena. Virou-se para o médico e o observou enquanto ele fechava a maleta. – Obrigada por ter vindo tão depressa e lamento tê-lo incomodado. – Ela conduziu o homem para fora do quarto e escada abaixo, em direção à cozinha. – Ele parecia estar delirando. Fiquei assustada.

– É claro, é natural, e não há problema algum. Tratei do coronel McCladden por muitos anos. A morte dele... foi muito triste. – Encolheu os ombros e entregou seu cartão a Helena. – Para o caso de a senhora precisar de mim. No futuro, é melhor ir ao meu consultório. Receio que hoje eu deva lhe cobrar honorários de visita em domicílio.

– Ai, meu Deus, acho que não tenho dinheiro suficiente em espécie. Eu pretendia ir ao banco do vilarejo hoje – respondeu Helena, envergonhada.

– Não tem importância. O consultório fica a poucos passos de lá. Deixe o pagamento com minha recepcionista mais tarde.

– Obrigada, doutor, farei isto.

O médico cruzou a porta e Helena o acompanhou. Ele se virou e olhou para a casa.

– Pandora – disse, com ar pensativo. – A senhora deve ter ouvido falar do mito, não?

– Sim.

– Uma casa tão maravilhosa, mas que, como a caixa da lenda que lhe deu nome, passou muitos anos fechada. Será que é a senhora que vai abri-la?
– perguntou, com um sorriso inquisitivo, exibindo uma fileira de dentes brancos e regulares.

– Espero não liberar todos os males do mundo – disse Helena, com um sorriso irônico. – Na verdade, agora a casa é minha. Angus era meu padrinho. Deixou-a para mim.

– Entendo. E a senhora vai gostar dela como ele gostou?

– Ah, eu já gosto. Vim passar uma temporada aqui, quando adolescente, e nunca a esqueci.

– Nesse caso, deve saber que esta é a casa mais antiga da região. Alguns dizem que já havia uma residência aqui milhares de anos atrás. Que certa vez Afrodite e Adônis vieram provar o vinho e passaram a noite. Há muitas lendas no vilarejo...

– Sobre a casa?

– Sim. – Ele sustentou com firmeza o olhar de Helena. – A senhora me lembra muito outra senhora que um dia conheci aqui, faz muitos anos.

– É mesmo?

– Ela estava visitando o coronel McCladden e fui chamado para tratá-la. Era linda como a senhora – disse, com um sorriso. – Agora, certifique-se de que o menino beba bastante líquido. *Adio, madame.*

– Vou fazer isso. Até logo e obrigada.

Helena viu o carro do médico afastar-se numa nuvem de poeira branca. Ao olhar para Pandora, apesar do calor escaldante, subiu-lhe um arrepio na espinha e ela voltou a ser tomada pela estranha sensação de pavor. Esforçou-se por se concentrar em sua lista mental de tarefas. A primeira era verificar o estado da piscina, então contornou a casa com passos rápidos e atravessou o terraço. Notou que acrescentar umas plantas coloridas nas urnas de pedra atualmente bolorentas e vazias melhoraria o aspecto do local, e fez uma anotação mental. A piscina ficava abaixo do terraço e era acessada descendo-se um lance decrépito de escada. Parecia estar em condições surpreendentemente boas, mas era óbvio que precisaria de uma boa limpeza para se tornar apropriada para o uso.

Quando deu meia-volta para retornar à casa, Helena olhou para cima e notou quanto Pandora parecia diferente se observada daquele ponto de vista. O acesso à entrada principal dava uma impressão meio austera e era desprovido

de enfeites, mas a fachada da casa era decididamente pitoresca. Além de ser suavizada pelo terraço comprido e pela pérgula, todas as janelas dos quartos eram adornadas por balcões floreados de ferro batido, no estilo Julieta, o que dava à construção a impressão bizarra de uma *villa* à moda italiana. Ela se perguntou por que não se lembrava da casa daquela maneira, mas então recordou que, desde sua última estada ali, havia efetivamente passado um tempo morando na Itália, e por isso podia agora tecer essa comparação.

Tornou a entrar e subiu ao quarto em que havia dormido com Immy. A filha estava diante do espelho, com seu melhor vestido de festa em tecido cor-de-rosa. Helena não pôde deixar de sorrir ao vê-la se admirar, contorcendo o corpinho e jogando o glorioso cabelo louro para lá e para cá, enquanto, toda contente, examinava o próprio reflexo, com seus grandes e inocentes olhos azuis.

– Pensei que tivesse deixado você aqui para desfazer a mala, querida.

– Eu já desfiz, mamãe.

Com um suspiro de irritação, Immy se afastou contrariada do espelho e apontou o dedinho, indicando que as roupas espalhadas por todo o quarto já não estavam dentro da mala.

– Eu quis dizer desfazer e pôr nas *gavetas*, não no chão. E tire esse vestido. Você não pode usá-lo agora.

– Por quê? – Os lábios de Immy, que pareciam um botão de rosa, juntaram-se num beicinho. – É o meu favorito.

– Eu sei, mas é para uma festa, não para correr no calor, numa casa velha e poeirenta.

Immy viu a mãe arrumar as roupas numa pilha em cima da cama e começar a guardá-las.

– E, de qualquer jeito – argumentou –, as gavetas têm um cheiro engraçado.

– É só cheiro de coisa velha – contrapôs Helena. – Vamos deixá-las abertas para arejar. Vão ficar ótimas.

– O que a gente vai fazer hoje? Tem Disney Channel na televisão?

– Eu...

Já era quase meio-dia e a manhã de Helena tinha passado num borrão de pânico, na tentativa de encontrar um médico para o filho, que parecia delirante. Ela se sentou abruptamente na cama, também ansiando, de repente, pelo Disney Channel.

– Temos muito que fazer hoje, querida, e não, aqui nem tem televisão.

– Então podemos comprar uma?
– Não, não podemos – rebateu Helena, impaciente, e se arrependeu de imediato.

Immy tinha sido muito boazinha, tanto na viagem quanto nessa manhã, distraíndo-se sozinha e sem fazer barulho. Helena estendeu a mão para a filha e lhe deu um abraço.

– A mamãe só tem que resolver algumas coisas, depois vamos sair para fazer uma exploração, está bem?

– Sim, mas pode ser que eu esteja meio com fome. Não tomei café.

– Não, não tomou, e por isso eu acho melhor irmos logo para fazer compras. Só vou dar uma olhada no Alex, depois saímos.

– Já sei, mamãe! – O rosto de Immy se iluminou quando ela desceu do colo de Helena e começou a vasculhar a mochilinha que havia carregado no avião. – Vou fazer um cartão de “Melhoras” para ele se animar.

– É uma ótima ideia, querida – concordou Helena, enquanto a filha brandia triunfalmente o papel e as canetas hidrográficas.

– Ou então... – Immy enfiou uma caneta na boca enquanto pensava. – Se ele não melhorar, posso pegar umas flores lá fora para botar no túmulo dele?

– Você até poderia fazer isso, mas juro que ele não vai morrer, então acho que o cartão é uma ideia melhor.

– Ah. Ele disse que ia com a gente, quando fui lá falar com ele hoje de manhã.

– Bem, não vai. Comece a fazer o cartão, que eu volto daqui a pouco.

Helena saiu do quarto e seguiu pelo corredor para ver Alex, metade dela desejando que o filho se transformasse num adolescente *normal*, desses que usam capuz e gostam de futebol, de garotas e de circular com os amigos pelo shopping, à noite, horrorizando uma ou outra vovó com suas gracinhas. Em vez disso, ele tinha um Q.I. fora de série, o que na prática parecia bom, mas, na verdade, causava mais problemas do que seu cérebro de alta voltagem era capaz de resolver. Ele se portava mais como um velho do que como um adolescente.

– Como está indo?

Ela espiou cautelosamente pela porta. Alex estava deitado de cueca, com um braço atravessado sobre a testa.

– Hmmf – foi a resposta.

Helena se sentou na beirada da cama. O ventilador antiquíssimo que ela

havia arrastado do quarto de Angus para proporcionar uma brisa fresca à testa do filho, que ardia em febre, tinha com o esforço de girar.

– Não foi um bom começo, hein?

– Não. – Alex não abriu os olhos. – Desculpe, mãe.

– Vou levar a Immy ao vilarejo para comprar uns mantimentos e pagar o médico. Você jura que vai beber bastante água enquanto eu estiver fora?

– Juro.

– Quer alguma coisa?

– Repelente de mosquito.

– Sinceramente, querido, os mosquitos cipriotas são perfeitamente inofensivos.

– *Detesto* mosquito, seja qual for a nacionalidade.

– Está bem, eu trago repelente. E, se amanhã você estiver melhor, iremos a Pafos. Tenho uma lista de coisas para comprar, inclusive ventiladores para todos os quartos, roupa de cama, toalhas, uma geladeira nova, um freezer e uma televisão com aparelho de DVD.

Alex abriu os olhos.

– É mesmo? Pensei que a televisão estivesse fora de cogitação aqui.

– Acho que um aparelho de DVD é mais ou menos aceitável para a Immy e o Fred, especialmente nas tardes quentes.

– Uau, parece que as coisas vão melhorar.

– Ótimo. – Helena deu-lhe um sorriso. – Hoje você descansa e amanhã talvez esteja disposto para dar um passeio.

– Tenho certeza de que vou ficar bom. É só desidratação, não é?

– É, querido. – Ela o beijou na testa. – Tente dormir um pouco.

– Vou tentar. Desculpe a história da malária, aliás.

– Está tudo bem. Até logo.

Enquanto descia, Helena ouviu o celular tocando na cozinha. Correu e conseguiu atender a tempo.

– Alô?

– Helena? É você? Aqui é a Jules. Como vai?

– Bem, sim, estamos bem.

– Que bom. Como está a casa?

– Maravilhosa. Exatamente como eu me lembrava.

– Como há 24 anos? Nossa, espero que tenham trocado os encanamentos desde então!

– Na verdade, não trocaram. – Helena não pôde evitar sentir uma pontinha de prazer ao implicar delicadamente com Jules. – Precisa mesmo de uma pequena plástica e de uns assentos novos para os vasos sanitários, mas acho que é sólida, ao menos estruturalmente.

– Então já é alguma coisa. É bom saber que o telhado não vai despencar enquanto estivermos dormindo.

– Uma reforma na cozinha também cairia bem – acrescentou Helena. – Acho que vamos contar mais com os churrascos do que com o fogão. Para ser sincera, talvez não seja aquilo com que você está acostumada.

– Tenho certeza de que daremos um jeito. E, é claro, vou levar meus próprios lençóis; você sabe que sempre gosto de fazer isto. Se precisar de mais alguma coisa, é só falar.

– Obrigada, Jules, eu falo. Como vão as crianças?

– Ah, o Rupes e a Viola vão bem, mas eu passei o que parecem ter sido semanas preparando discursos de premiação, comunicados oficiais e purê de morangos. Sacha conseguiu se livrar de tudo isso, aquele sacana de sorte.

– Ah. – Helena sabia que, no fundo, Jules adorava aquilo. – Como vai o Sacha? – perguntou, educada.

– Trabalhando todas as horas possíveis, bebendo demais... Você sabe como ele é. Quase não o vi nas últimas semanas. Nossa, Helena, acho que tenho que ir. Vamos oferecer um jantar hoje, então estou na maior correria por aqui.

– Então, vejo você daqui a alguns dias.

– Sim. Não saia muito na minha frente no bronzeado, sim? Aqui está um aguaceiro. Tchau, querida.

– Tchau – murmurou Helena ao celular, desconsolada, desligando e se sentando à mesa da cozinha. – Ai, meu Deus – gemeu, lamentando de todo o coração ter deixado Jules convencê-la a passar duas semanas em Pandora.

Helena havia usado todas as desculpas em que pudera pensar, mas Jules simplesmente se recusara a aceitar um não. O resultado era que os quatro membros da família Chandler – Jules, os dois filhos e o marido, Sacha – iam baixar em Pandora dentro de uma semana.

Qualquer que fosse o pavor de Helena a respeito da companhia dos Chandlers, ela sabia que tinha que guardá-lo para si. Sacha era o melhor e mais antigo amigo de William; a filha de Sacha, Viola, era a filha do marido de Helena. Não havia nada que ela pudesse fazer senão aceitar a situação.

Como é que eu vou lidar com isso...? Helena se abanou devido ao calor opressivo, vendo o estado dilapidado da cozinha pelos olhos de lince de Jules e sabendo que não conseguiria suportar as críticas. Pegou um elástico que havia abandonado na mesa da cozinha na noite anterior, torceu o cabelo e o prendeu num nó no alto da cabeça, aliviada com o súbito frescor na nuca.

Vou lidar, disse a si mesma. *Tenho que lidar.*

– A gente já está indo? – perguntou Immy, às costas de Helena. – Estou com fome. Posso comer batata frita com ketchup no restaurante?

Os bracinhos da menina envolveram a cintura da mãe.

– Sim, já vamos. – Helena se levantou, deu meia-volta e conseguiu abrir um débil sorriso. – E sim, você pode.



O sol do meio-dia invadia o carro enquanto Helena dirigia pela estrada que serpenteava por entre hectares de vinhedos. Immy ia ilegalmente sentada ao lado dela, no banco do carona, o cinto de segurança em volta do corpo como um acessório frouxo, e se ajoelhou para olhar pela janela.

– Podemos parar para colher uvas, mamãe?

– Sim, podemos, mas elas não têm exatamente o mesmo sabor das uvas normais.

Helena parou o carro e as duas saltaram.

– Olhe.

Helena se curvou e, sob um leque de folhas de parreira, revelou um cacho carregado de uvas de tom magenta. Arrancou-o da árvore e soltou algumas uvas.

– A gente pode comer isso, mamãe? – perguntou Immy, olhando com ar de dúvida para as frutas. – Elas não vieram do supermercado, você sabe.

– Ainda não tem um sabor muito doce, porque não estão bem maduras. Mas experimente uma, vamos – encorajou a filha, enquanto colocava uma uva na própria boca.

Os dentinhos brancos de Immy morderam com cautela a casca dura da fruta.

– Estão boas, eu acho. Podemos levar umas para o Alex? Gente doente gosta de uva.

– Boa ideia. Vamos levar dois cachos.

Helena começou a arrancar outro cacho, mas se levantou, com a sensação instintiva de que alguém a observava. Prendeu a respiração ao vê-lo. A não mais de 20 metros de distância, parado no meio das videiras, olhando-a fixamente.

Ela protegeu os olhos do brilho intenso do sol, torcendo para que aquilo fosse uma alucinação, porque não podia *ser...* Simplesmente não podia...

Mas lá estava ele, exatamente como Helena se lembrava, parado quase no mesmo lugar em que ela o vira pela primeira vez, 24 anos antes.

– Mamãe, quem é aquele homem? Por que ele está olhando para a gente? É porque roubamos as uvas? A gente vai para a prisão? *Mamãe!*!

Helena se mantinha cravada no mesmo lugar, com o cérebro tentando entender o absurdo que seus olhos lhe mostravam. Immy a puxou pelo braço.

– Vamos, mamãe, depressa, antes que ele chame a polícia!

A custo, Helena afastou os olhos daquele rosto e deixou que a filha a levasse à força para o carro. A menina se sentou ao lado da mãe no banco do carona, cheia de expectativa.

– Vamos, anda! Dirige! – ordenou.

– Sim, desculpe.

Helena encontrou a ignição e girou a chave para dar a partida.

– Quem era aquele homem? – perguntou Immy, quando as duas foram sacolejando pela estrada. – Você o conhece?

– Não, eu... não conheço.

– Ah. Parecia que conhecia. Ele era muito alto e bonito, feito um príncipe. O sol desenhou uma coroa na cabeça dele.

– É.

Helena se concentrou em seguir a trilha que atravessava os vinhedos.

– Qual será que era o nome dele?

Alexis...

– Não sei – sussurrou.

– Mamãe?

– O que é?

– Acabou que a gente largou as uvas do Alex lá.



O vilarejo passara por um número surpreendentemente pequeno de mudanças, comparado à Legolândia horrorosa mais abaixo, que havia brotado de qualquer jeito ao longo do litoral. A estreita rua principal estava empoeirada e deserta, com os habitantes escondidos em suas casas frescas de pedra a fim de evitar o sol escaldante enquanto ele reinava no alto em todo seu esplendor. A única loja existente havia acrescentado a seu acervo um catálogo de DVDs que Helena sabia que poderiam agradar ao filho, mas, exceto um ou outro bar novo, todo o restante parecia exatamente igual.

Depois de passarem no banco, Helena entregou o dinheiro do pagamento à recepcionista do médico, na porta ao lado, e levou Immy para almoçar no bonito pátio da Taberna Perséfone. Sentaram-se à sombra de uma oliveira, Immy encantada com uma família de gatinhos magrelos que se enroscou em suas pernas, miando de fazer dó.

– Ah, mamãe, a gente pode levar um para casa? Por favor, por favor! – pediu a menina, dando a um gatinho sua última batata frita.

– Não, querida. Eles moram aqui, com a mamãe deles – respondeu Helena em tom firme.

Sua mão tremia de leve quando ela levou à boca uma taça de vinho local. Tinha exatamente o mesmo sabor – levemente acre, mas doce – de que ela sempre havia se lembrado. A sensação foi de haver atravessado o espelho, voltando ao passado...

– Mamãe! Posso ou não posso tomar sorvete?

– Desculpe, querida, me distraí. É claro que pode.

– Você acha que eles têm o Phish Food da Ben and Jerry's aqui?

– Duvido. Eu pensaria mais num bom e velho sorvete de baunilha, morango ou chocolate, mas vamos perguntar.

Immy chamou o jovem garçom, perguntou sobre o sorvete, e Helena pediu um café cipriota com pouco açúcar, para diluir o efeito da taça de vinho. Vinte minutos depois, as duas saíram da taberna e caminharam pela rua poeirenta em direção ao carro.

– Olhe as freiras, mamãe, sentadas lá no banco. – Immy apontou na direção da igreja. – Elas devem sentir muito calor com aqueles vestidos.

– Elas não são freiras, Immy, são as senhoras idosas do vilarejo. Usam preto porque o marido delas morreu, são viúvas – explicou Helena.

– Elas só usam preto?

– Só.

– Não podem usar rosa? Nunca?

– Não.

Immy pareceu horrorizada.

– Vou ter que fazer isso quando meu marido morrer?

– Não, querida. É uma tradição de Chipre, só isso.

– Bom, então nunca vou me mudar para cá – replicou Immy, e saiu saltitando em direção ao automóvel.

As duas chegaram a Pandora com o porta-malas cheio de mantimentos. Alex apareceu na porta dos fundos.

– Oi, mãe.

– Oi, querido, está se sentindo melhor? Pode me dar uma ajudinha com estas sacolas?

Alex a ajudou a descarregar a mala e levou as compras para a cozinha.

– Puxa, que calor. – Helena enxugou a testa. – Preciso de um copo d'água.

Alex achou um copo, foi até a geladeira e serviu água gelada de uma jarra. Entregou-o à mãe.

– Pronto.

– Obrigada.

Helena bebeu tudo, agradecida.

– Vou subir para descansar. Ainda estou meio zozzo – anunciou Alex.

– Está bem. Você desce mais tarde para jantar?

– Deço. – Ele foi até a porta, parou e se virou. – Aliás, tem alguém aí para falar com você.

– É mesmo? Por que não me disse quando cheguei?

– Ele está lá no terraço. Eu avisei que não sabia a que horas você ia voltar, mas ele insistiu em esperar mesmo assim.

Helena fez força para manter uma expressão neutra no rosto.

– Quem é?

– Como é que eu vou saber? – indagou Alex, encolhendo os ombros. –

Ele parece conhecer você.

– É mesmo?

– É. Acho que o nome dele é Alexis.

DIÁRIO DE ALEX

11 de julho (continuação)

Paro junto à janela do meu quarto, espiando pela veneziana, para não ser visto do terraço lá embaixo.

Estou vigiando o homem que veio ver a minha mãe. No momento, ele está andando para lá e para cá, nervoso, com as mãos enfiadas nos bolsos. É alto e forte, com a pele bronzada, cor de noz. O cabelo, preto e farto, é ligeiramente grisalho nas têmporas, mas decididamente não é velho. Eu diria que deve ser só um pouco mais velho que a minha mãe. E mais jovem que o meu padrasto.

Quando ele chegou e o vi de perto, notei que tem olhos azuis, muito azuis, de modo que talvez não seja cipriota. A não ser que esteja de lentes de contato coloridas, é claro – o que eu duvido. O resultado de todas as partes combinadas desse homem faz concluir, definitivamente, que ele é muito bonito.

Vejo minha mãe planar pelo terraço. Ela tem um andar tão gracioso que é quase como se seus pés não tocassem o chão, porque a metade superior do corpo não se mexe, apesar de as pernas se moverem. Ela para a alguns passos dele, com os braços estendidos ao lado do corpo. Não consigo ver o rosto dela, mas vejo o dele. E o vejo se enrugando numa expressão de pura alegria.

Agora meu coração está batendo depressa e sei que não é mais a desidratação. Nem malária. É medo.

Nenhum dos dois fala. Ficam parados onde estão durante o que parecem ser horas, como se bebessem um ao outro. Ele, pelo menos, parece querer beber a mamãe. Depois, estende os braços, se aproxima e para diante dela. Segura as mãozinhas dela em suas manzorras e as beija com reverência, como se fossem sagradas.

É nojento. Não quero ver isso, mas não consigo me impedir de olhar. Ele finalmente para com a história das mãos e dos lábios, envolve minha mãe nos seus braços musculosos e a aperta. Ela é tão pequena, pálida e loura, em contraste com a força morena dele, que me lembra uma boneca de porcelana sendo abraçada até quebrar por um grande urso-pardo. A cabeça dela fica jogada para trás num ângulo esquisito, encostada no enorme peitoral do homem, que continua a abraçá-la. O cotovelo dele parece envolver o pescoço dela, e só espero que mamãe não seja decapitada, como aconteceu uma vez com a boneca de porcelana da Immy.

Por fim, quando estou ficando sem fôlego de tanto prender a respiração, ele a solta e eu aspiro um pouco de ar. Graças a Deus. Não há nada de beijo na boca, porque isso seria de um mau gosto inacreditável.

Mas ainda não acabou.

Ele ainda não parece inclinado a parar de segurar alguma parte da anatomia dela, por isso torna a pegar sua mão. E a conduz para a pérgula coberta de videiras e os dois desaparecem ali embaixo, sumindo da minha vista.

Droga! Volto devagar para a cama e me atiro nela.

Quem é ele? E quem é ele para *ela*?

Eu sabia, assim que o vi parado no terraço, com ar de quem era dono do lugar, que ele era importante. Devo ligar para o papai? O papai que não é meu pai, mas que é o mais próximo de um pai que já conheci? Eu sabia que um dia ele acabaria prestando para alguma coisa.

Com certeza, não ficaria feliz se visse sua mulher sendo amassada num terraço por um grande urso-pardo cipriota, não é? Pego meu celular e o ligo. O que devo dizer?

“Venha JÁ, pai! Mamãe está correndo um perigo mortal embaixo da pérgula!”

Caramba. Não posso fazer isso. Ele já me acha suficientemente esquisito. Tenho plena consciência de que não tem alternativa senão me tolerar, porque ama a mamãe e eu vim como parte do pacote. Infelizmente, sou péssimo na maioria dos esportes, apesar do meu entusiasmo. Quando eu era menor, ele tentou me ensinar, mas eu sempre acabava com a sensação de que o tinha desapontado, por nunca ser chamado para os times. E por sair dos jogos de críquete sem marcar

nenhum ponto quando ele ia me ver, porque ficava muito nervoso. Se eu fosse bom nesse tipo de coisa, teria ajudado muito na nossa relação, mas pelo menos ele ama a mamãe e a protege de todos os outros homens que parecem desejá-la.

Como esse que agora está embaixo da pérgula.

É irônico, na verdade. Eu ansiava por algum tempo sozinho com ela, sem o papai, que sempre me dá a sensação de que estou atrapalhando. No entanto, aqui estou eu, menos de 24 horas depois, desejando que ele estivesse aqui.

Talvez eu *deva* mandar uma mensagem de texto...

Checo meu celular, e aí... descobro que só me restam 18 *pence* de crédito, então não posso. Mesmo que pudesse, o que ele poderia efetivamente fazer?

Não tem mais ninguém aqui além de mim. E da Immy, mas ela não conta.

Então... só resta uma alternativa: terei que enfrentar a barra sozinho. Vou entrar em combate para salvar a honra da minha mãe.

3

- Você está... exatamente a mesma.
- Não, não estou, Alexis, é claro que não estou. Estou 24 anos mais velha.
- Helena, você está linda, exatamente como era naquela época.
- O calor subiu pelas faces já ruborizadas de Helena.
- Como você soube que eu estava aqui?
- Ouvi um boato no vilarejo. Depois, o Dimitrios me telefonou na hora do almoço e disse que tinha visto uma moça de cabelo dourado com uma menina, na trilha que sai de Pandora, e eu soube que devia ser você.
- Quem é Dimitrios?
- Meu filho.
- É claro! É claro! – Helena riu, aliviada. – Immy e eu paramos no caminho para colher umas uvas, e eu o vi me olhando fixamente. Achei que era você... Que bobagem... Ele é muito parecido com você.
- Você quer dizer que ele tem a aparência que eu *tinha*.
- Sim. Sim.
- Os dois passaram um tempo em silêncio.
- E então, como vai você, Helena? – arriscou ele. – Como tem sido sua vida, durante todos esses anos?
- Tem sido... boa, sim, boa.
- Você é casada?
- Sou.
- Sei que você tem filhos, Helena, porque já conheci um deles e ouvi falar de sua filha.
- Eu tenho três, mas o meu caçula, Fred, está em casa com o pai, na Inglaterra. Eles se juntarão a nós daqui a alguns dias. E você?
- Fui casado com Maria, a filha do antigo prefeito aqui de Kathikas. Ela

me deu dois meninos, mas morreu num acidente de automóvel quando Michel, meu segundo filho, tinha 8 anos. Por isso, agora somos só nós três, colhendo nossas uvas e produzindo nosso vinho, como fizeram meu avô e meu bisavô antes de nós.

– Lamento muito saber disso, Alexis. Que situação terrível você deve ter enfrentado!

Helena ouviu a banalidade de suas próprias palavras, mas não conseguiu pensar em outra coisa para dizer.

– Deus dá e tira e, pelo menos, meus meninos saíram vivos. E o Dimítrios, que você viu nos vinhedos, está prestes a se casar, de modo que as gerações continuam.

– É. Eu... Parece que pouca coisa mudou por aqui.

O rosto expressivo de Alexis assumiu um ar severo.

– Não, muitas coisas mudaram em Chipre, como em toda parte. É o progresso. Tem partes boas e partes não tão boas. Uma minoria ficando muito rica e, como sempre, cobiçando mais. Aqui em Kathikas, porém, ao menos até agora, estamos num oásis. Mas um dia os dedos gananciosos das construtoras vão alcançar nossas terras férteis. Já começaram a tentar.

– Tenho certeza disso. É um local perfeito.

– É. E não pense que todas as pessoas do nosso vilarejo vão resistir à tentação, especialmente os jovens. Eles querem carros velozes, antenas parabólicas e o estilo de vida norte-americano que veem na televisão. E por que não haveriam de querer? Nós também queríamos mais, Helena. Mas vamos seguir em frente e parar de falar como nossos pais. – Ele riu.

– Nós *somos* nossos pais, Alexis.

– Então, sejamos os filhos que fomos, só por enquanto. Ele segurou a mão dela no exato momento em que Alex emergiu no terraço.

Helena retirou a mão, mas sabia que o filho tinha visto.

– Cadê a Immy? – perguntou o menino em tom rude.

– Está na cozinha, eu acho. Alex, você já conheceu o Alexis.

– Temos o mesmo nome. Que significa “defensor e protetor do povo” – sorriu Alexis, com simpatia.

– Eu sei. Mamãe, espero que a Immy não tenha saído por aí quando você não estava olhando. Você sabe como ela é.

– Tenho certeza de que não saiu. Por que você não vai procurá-la e a traz

aqui para conhecer o Alexis? E ponha a chaleira no fogo, por favor. Estou doida por uma xícara de chá.

Helena afundou numa cadeira, sentindo-se emocionalmente esgotada.

Alex olhou para ela com ar de desafio e lhe deu as costas para entrar na casa.

– É um menino bonito – comentou Alexis. – Robusto.

Helena deu um suspiro.

– Ele é... incomum, isto é certo. E brilhante, e exasperante, e difícil e... Ah, eu sou louca por ele – disse, com um sorriso cansado. – Um dia talvez eu lhe fale dele.

– Um dia talvez falemos um com o outro sobre muitas coisas – murmurou Alexis, baixinho.

– Aqui está ela – anunciou Alex, conduzindo uma Immy lacrimosa para o terraço. – Estava na cozinha sendo perseguida por uma coisa grande e listrada, tipo uma vespa. Com um ferrão mortífero, provavelmente – acrescentou.

– Ah, querida, por que não me chamou? – perguntou Helena.

Abriu os braços e Immy correu para ela.

– Eu chamei, mas você não veio. Alex me salvou. Mais ou menos.

– Ela é muito parecida com você, Helena. É... como é que vocês dizem?... sua sócia – sorriu Alexis.

– Eu a chamo de Minimamãe. Sacou, Alexis? – vociferou Alex. – Não, provavelmente não. Deixe para lá.

– Gostaria de um chá, Alexis? Vou preparar um – interveio Helena, para desarmar a situação tensa.

– Sim, por favor. Por que não compartilhar a paixão dos ingleses por uma bebida quente no calor? – Ele sorriu.

– É fato conhecido que uma xícara de chá quente refresca. É por isso que ele é bebido na Índia – declarou Alex.

– Quer dizer que não tem nada a ver com o fato de que eles todos viviam em plantações de chá – murmurou Helena, fazendo uma careta para o filho.

– Vamos, Immy, venha me ajudar. Volto num minuto.

Alex se sentou na cadeira que a mãe deixara vaga, cruzou os braços e fuzilou Alexis com os olhos.

– E então, de onde você conhece minha mãe?

– Nós nos conhecemos há muitos anos, quando ela esteve aqui da última vez, hospedada na casa do coronel McCladden.

- Você quer dizer Angus, o padrinho dela? E você não a viu desde então?
- Ah, sim, eu a vi, na verdade – respondeu o homem, risonho –, mas isso já é outra história. E então, Alex, está gostando do Chipre?
- Ainda não sei. Estava escuro quando chegamos e passei o dia inteiro de cama, por causa de uma possível malária. Faz muito calor, e há mosquitos e vespas listradas por toda parte. E não gosto dessas coisas.
- E a casa?
- É legal. É um forno, mas eu gosto de história, e este lugar tem muita – admitiu Alex.
- Esta é realmente uma região histórica. Se você gosta de história, deve conhecer os mitos gregos. De acordo com eles, Afrodite nasceu em Pafos e passou a vida com Adônis nesta ilha. Você pode visitar o banho dele, a poucos quilômetros daqui.
- Vamos torcer para ele ter tirado a tampa do ralo, senão a água estará muito suja, a esta altura – resmungou Alex entre dentes.
- É uma linda cachoeira no meio das montanhas – continuou o homem.
- Dá para saltar das pedras altas na água, que é cristalina, pura e muito refrescante no calor. Posso levá-lo lá se você quiser.
- Obrigado, mas os esportes radicais não fazem o meu gênero. – E então o garoto o encarou. – O que você faz por aqui?
- Minha família é dona dos vinhedos locais há centenas de anos. Fazemos vinho. Ele nos proporciona uma vida confortável. E estamos começando a exportar cada vez mais. Ah, aqui está sua mãe.
- Helena emergiu no terraço e pôs a bandeja na mesa.
- Acomodei a Immy lá em cima, para descansar um pouco. Ela está exausta, por causa do calor e da vespa. Alex, você quer chá?
- Sim. – Ele se levantou. – Sente-se, mamãe. Eu sirvo. Estava acabando de ouvir sobre o Bidê de Adônis.
- Você está falando da cascata? Ah, ela é linda, não é, Alexis?
- Helena lhe sorriu, os dois compartilhando uma lembrança.
- Talvez o papai nos leve lá quando chegar – anunciou Alex em voz alta.
- Aliás, quando é que ele chega?
- Na sexta-feira, como você sabe perfeitamente. Quer leite, Alexis?
- Não, obrigado.
- Pode ser que seja antes, não pode, mãe? Digo, o papai pode nos surpreender e aparecer aqui a qualquer hora.

- Duvido, Alex, ele tem trabalho para fazer.
- Mas veja como ele sente a sua falta. Vive ligando para o seu celular. Eu não me surpreenderia se ele chegasse antes, sabe?
- Helena arqueou uma sobrancelha ao passar o chá para Alexis.
- Bem, espero que não faça isso. Eu gostaria de deixar a casa com uma aparência um pouquinho mais acolhedora antes de ele chegar.
- Precisa de alguma ajuda nisso, Helena? – perguntou Alexis. – A casa passou muito tempo vazia.
- Na verdade, seria ótimo se você pudesse indicar alguém para cuidar da piscina. Precisa ser limpa e enchida.
- Que piscina? – perguntou Alex, subitamente animado.
- Tem uma piscina deslumbrante logo depois daquele portão, descendo a escada – informou Helena, apontando para o local. – Infelizmente, a maioria das azeitonas parece ter caído dentro dela, e há uns ladrilhos quebrados que precisam ser repostos.
- Nesse caso, vou pedir ao Georgios para vir aqui dar uma olhada – disse Alexis. – Ele é primo da minha mulher, é construtor.
- Você é casado? – indagou Alex, animando-se de repente.
- Infelizmente, não sou mais, Alex. Minha mulher faleceu há muitos anos. Vou ligar para o Georgios agora mesmo.
- Alexis tirou um celular do bolso, digitou o número e falou depressa em grego. Baixou o aparelho e sorriu.
- Ele virá hoje à noite, e talvez vocês já possam nadar na piscina quando seu marido chegar.
- Seria maravilhoso – disse Helena, agradecida. – Eu também estava querendo saber aonde devo ir, em Pafos, para comprar um novo conjunto de geladeira e freezer, um fogão, um micro-ondas... Na verdade, a cozinha completa. Vamos receber um monte de gente na semana que vem. Se bem que tenho medo de que tudo isso possa demorar a ser entregue.
- Não precisa esperar pela entrega. Eu tenho um furgão, que uso para transportar vinho para os hotéis e restaurantes da região. Posso levar você, e nós mesmos trazemos as compras.
- Tem certeza de que não vou incomodá-lo?
- De modo algum. Será um prazer para mim, Helena.
- E será que você conhece alguém no vilarejo que possa me ajudar com o serviço doméstico? Talvez cozinhar um pouco?

– É claro. Angelina, que lhe deixou as chaves, trabalhou para o coronel no último ano dele aqui. Ela está disponível, com certeza, e adora crianças. Vou entrar em contato com ela para você. Ela virá procurá-la.

– Obrigada, Alexis, você me salvou – agradeceu Helena novamente, bebericando seu chá. – Quem sabe ela tope trabalhar também como babá, para podermos sair à noite de vez em quando.

– Eu posso cuidar das crianças, mãe – interpôs Alex.

– Sim, eu sei que pode, querido, obrigada.

– E quanto à estrutura da casa? – indagou Alexis.

– Ela me parece boa. – Helena encolheu os ombros. – Mas estou longe de ser uma especialista.

– Vou pedir ao Georgios para dar uma olhada, quando vier ver a piscina. O encanamento e a fiação elétrica, por exemplo, não são usados há muitos anos... É bom ter certeza de que está tudo em ordem.

– Eu sei – suspirou Helena. – É mesmo uma Caixa de Pandora. Mal me atrevo a abri-la.

– Você conhece a lenda desta casa? – perguntou Alexis, dirigindo-se ao garoto.

– Não – respondeu ele, de cara amarrada.

– É uma lenda boa, não ruim. Dizem que toda pessoa que vem se hospedar em Pandora pela primeira vez se apaixona enquanto está sob o seu teto.

– É mesmo? – Alex arqueou uma sobrancelha. – Isso também se aplica às crianças de 5 anos? Hoje, mais cedo, notei que a Immy olhava com ar muito sonhador para o seu carneirinho de brinquedo.

– Alex! Não seja grosseiro! – repreendeu-o Helena, quando sua paciência finalmente se esgotou.

– Ah, ele é menino e tem medo do amor – rebateu Alexis, com um sorriso indulgente. – Quando o amor chegar, vai recebê-lo de braços abertos, como todos fazemos. Agora, tenho que ir andando.

O homem se levantou, e Helena o acompanhou.

– É maravilhoso vê-la de novo, Helena – disse, dando-lhe dois beijos calorosos nas faces.

– E a você, Alexis.

– Virei amanhã de manhã, às nove, para irmos a Pafos, sim? *Adio*, Alex. Cuide da sua mãe.

– Eu sempre cuido – grunhiu Alex.

– Tchau.

Alexis deu-lhe um aceno com a cabeça, atravessou o terraço e sumiu de vista.

– Francamente, Alex – reclamou Helena, com um suspiro frustrado –, tem mesmo que ser tão antipático?

– Eu não fui antipático, fui?

– Foi, sim, e você sabe disso! Por que não gostou dele?

– Como você sabe que não gostei?

– Ora, vamos, Alex, você fez o possível e o impossível para ser do contra.

– Desculpe, mas simplesmente não confio nele. Vou descer para ver a piscina, se você não se importar.

– Ótimo.

Helena observou o filho sair sem pressa do terraço e ficou contente por ele a ter deixado sozinha por algum tempo... contente por *ambos* terem se retirado, esses dois homens que tinham o mesmo nome e moravam no seu coração. À medida que o susto pelo aparecimento de Alexis começou a passar, ela considerou que ele era pouco mais que um menino naquela época, apenas alguns anos mais velho que o filho. Agora, era um homem de meia-idade, mas sua essência permanecia inalterada.

Helena coçou o nariz, pensativa. Ninguém esquece o primeiro amor, cada pessoa considera a própria experiência única, inigualável em seu poder, sua paixão e sua beleza. E, é claro, aquele primeiro verão com Alexis em Pandora havia permanecido em sua memória durante 24 anos, como uma borboleta presa no âmbar para sempre.

Os dois eram tão jovens... Ela, com quase 16 anos, ele, com quase 18. No entanto, Alexis nada sabia das consequências daquele relacionamento ou da rotina que ela levava desde então. E de como o amor dos dois havia modificado sua vida.

Um solavanco repentino de medo atravessou o coração de Helena, que de novo se perguntou se voltar àquele lugar tinha sido a pior coisa que ela podia fazer. William ia chegar em poucos dias, e ela não lhe contara nada sobre Alexis. De que teria adiantado ele saber de alguém que era pouco mais que uma sombra do passado da esposa?

Só que Alexis já não era uma sombra. Estava vivíssimo e era totalmente real. E não havia como escapar do fato de que o passado e o presente dela estavam prestes a entrar em choque.



O celular de Helena tocou justo na hora em que ela estava servindo o jantar a Alex e Immy.

– Atenda, por favor, Alex – pediu ela, enquanto pousava a bandeja precariamente abarrotada sobre a mesa do terraço.

– Oi – disse ele. – Sim, oi, papai. Estamos todos bem. Exceto pelo fato de que, a julgar pela aparência, mamãe está quase nos obrigando a comer picles de testículo de cabrito num molho de cocô de peixe. Aproveite a sua pizza enquanto puder, é o meu conselho. Sim, vou passar para a mamãe. Tchau.

Helena arqueou as sobrancelhas com um suspiro cansado quando Alex lhe entregou o celular.

– Oi, querido. Tudo bem? Não, não estou envenenando os dois. Eles vão experimentar queijo feta, homus e *taramasalata*. Como vai o Fred? – Helena segurou o celular entre o ombro e o rosto enquanto descarregava a bandeja. – Ótimo. Fale um pouco com a Immy e depois conversamos. Está bem, tchau. É o papai – disse à filha, passando-lhe o celular.

– Oi, papai... Sim, estou bem. Alex quase morreu hoje de manhã e mamãe e eu vimos um príncipe num campo, quando estávamos colhendo uvas, mas a polícia podia nos prender, aí tivemos que largar as uvas, mas depois pegamos elas de novo no caminho da volta, e o pai do príncipe veio visitar a gente aqui em casa, e tomou uma xícara de chá e foi muito bonzinho. E eu comi batata frita com ketchup no almoço, e aqui está fazendo muito calor e...

Immy fez uma pausa para respirar e escutar.

– Sim, eu também amo você e estou com um pouco de saudade. Está bem, papai, até logo. – Ela fez barulhos de sucção na linha, mandando beijinhos, e apertou habilmente a tecla certa para terminar a ligação. Olhou para seu prato. – Alex tem razão. Isso está com uma cara nojenta.

Helena ainda estava sem graça com a conversa de Immy com o pai. Pôs dois pedaços de pão pita no prato e espalhou um pouco de homus com a colher.

– Experimente – disse, incentivando a filha.

– Posso botar ketchup, mamãe, por favor?

– Não, não pode.

Helena pôs um pedacinho de pão com homus na boca de Immy.

Esperou até que as papilas gustativas dela entrassem em ação e, por fim, o alimento recebeu um pequeno aceno afirmativo de cabeça, em sinal de aprovação.

– Que bom. Eu sabia que você ia gostar.

– De que é feita essa pasta grudenta? – quis saber Immy.

– Grão-de-bico.

– De bico de pintinho? Ooooh! – disse Immy, estremeçando. – Você quer dizer o biquinho deles?

– Não seja boba, Immy – objetou Alex, que ainda não tinha posto nada na boca. – Grão-de-bico é uma espécie de ervilha, só não é verde. Desculpe, mãe. – Levantou as mãos, derrotado. – Meu apetite ainda não voltou, desde hoje de manhã.

– Tudo bem. – Helena não estava com disposição para uma batalha. – Então, é boa a notícia sobre a piscina, não é? Ela deverá estar cheia quando o papai chegar. Tome, coma um pouco de *taramasalata*, Immy. E amanhã, em Pafos, podemos comprar umas espreguiçadeiras e...

– EEEECA!

Com deselegância, Immy cuspiu no prato o conteúdo da boca.

– Immy!

– Descuuulpe, mas isso é fodido!

– *Fedido*, Immy. E não repita o que eu digo, por favor – repreendeu-a Alex, tentando manter a expressão séria. – Você só tem 5 anos.

– É, é isso mesmo, e as princesas não usam palavras como “fodido”. Usam, Alex?

Helena também estava abafando o riso.

– Agora, enquanto eu ligo de volta para o papai, o que acha de ir lá para cima com o Alex? Ele pode ajudar você a colocar o pijama. Aí eu subo e lhe conto uma das suas histórias favoritas, tudo bem?

– Está bem. Quero aquela de quando você dançava balé em Viena e um príncipe levou você para um baile no palácio.

– Combinado – concordou Helena. – Então, pronto, vão lá.

Enquanto as crianças entravam na casa, Helena pegou o celular e ligou para o marido.

– Oi, querida – disse William. – O jantar foi um sucesso?

– Isso eu deixo por conta da sua imaginação.

– Talvez seja melhor. E então, o seu dia foi bom?

- Foi agitado.
- Foi o que me pareceu. Quem é o príncipe de quem a Immy falou?
- Ah, é o filho de um velho amigo.
- Certo. - Houve uma pausa. - Helena, querida, posso perguntar uma coisa?
- O quê?
- Eu... Bem, não sei ao certo como dizer isto, mas... é a Chloë.
- Está tudo bem com ela?
- Ah, sim, ao que parece ela está ótima. Embora, como você sabe, eu só possa me orientar pelo que diz a diretora do internato. Mas hoje eu recebi uma carta da mãe dela.
- Uma carta? Da Cecile? Santo Deus! - exclamou Helena. - Isso é um milagre em se tratando da sua ex-mulher, não é, querido?
- É, sim, mas a questão é que...
- Sim?
- Ela quer que a Chloë passe algum tempo conosco em Chipre.

DIÁRIO DE ALEX

11 de julho (continuação)

Estas férias, para citar minha irmãzinha, estão ficando mais fedidas a cada segundo que passa.

Mosquitos, calor, casas velhas no meio de um campo árido onde nunca ouviram falar de banda larga e um prensador de uvas que quer dar uma tremenda prensa na minha mãe. Isso sem falar de Jules, Sacha, Viola e Rupes – o filho deles, neandertaloide e descerebrado –, que vão chegar na próxima semana.

Eu gostaria de poder iniciar uma campanha em favor de todos os Filhos de Pais Que São Melhores Amigos, a fim de aumentar a conscientização deles sobre a aflição das crianças. O simples fato de os adultos terem compartilhado pirulitos e segredos na infância, o que depois evoluiu para álcool e dicas de desfralde, não significa que os *filhos* também vão se tornar melhores amigos.

Fico sempre desolado ao ouvir aquelas palavras imortais: “Alex, querido, os Chandlers vão vir aqui. Você vai ser bonzinho com o Rupes, não vai?” “Vou”, eu respondo. “Vou tentar, mãezinha querida.”

Só que, quando o Rupes me acerta uma pancada nos bagos, sem querer querendo, durante um jogo “amistoso” de rúgbi, ou quando corre aos gritos para a mãe, me acusando de ter quebrado seu Playstation portátil, porque primeiro ele o deixou cair no chão e eu só pisei no aparelho por não saber que ele estava lá, a barra pode ficar muito pesada.

Rupes tem mais ou menos a minha idade, o que torna tudo realmente difícil. E nós somos diferentes como a água e o vinho. Provavelmente, ele é tudo que o meu padrasto, William, gostaria de ter num filho: um ás nos esportes com bola, brincalhão, popular... e um

tremendo sacana quando ninguém mais está olhando. Ele também é burro feito uma porta.

Não temos muito em comum, o Rupes e eu. Ele tem uma irmãzinha chamada Viola, toda ruiva, sardenta e com dentinhos de coelho, e tão branca que parece um fantasma. Um dia, mamãe me contou que ela era adotada. Se eu fosse os Chandlers, teria batalhado por uma criança que fosse ao menos vagamente parecida com meu patrimônio genético, mas talvez a Viola fosse a única criança disponível na época. E, graças à presença massacrante do Rupes e à timidez dela, não posso realmente dizer que a conheço bem.

Para completar, mamãe acabou de me informar que minha meia-irmã, Chloë, também virá para cá. Só tenho uma vaga lembrança dela, porque não a vejo há seis anos. A VDI – Vaca do Inferno –, como é afetuosamente conhecida em nossa família a ex-mulher do meu padrasto, proibiu a Chloë de visitar o pai quando mamãe engravidou da Immy.

Pobre papai. Ele tentou de tudo para ver a filha, tentou mesmo. Mas a VDI tinha feito uma lavagem cerebral na Chloë, para ela acreditar que o pai era a encarnação do diabo, por se recusar a comprar sorvetes que custavam mais de 1 libra – o que aliás, ele continua a se recusar a fazer –, e papai acabou tendo que desistir. Depois de tentar obter acesso à filha por meio de numerosos processos judiciais que quase o levaram à falência e perder, até a assistente social disse que devia ser melhor assim, porque a Chloë penava na mão da mãe toda vez que mencionava o pai, e essa batalha a estava afetando psicologicamente. Assim, pelo bem da filha, ele desistiu. Papai não fala muito nisso, mas sei que sente muita saudade dela. O máximo que consegue se aproximar da Chloë é escrevendo cartões de Natal e um cheque para o internato caríssimo que ela frequenta.

Então... por que seu súbito ressurgimento?

Ao que parece, e pelo que mamãe me disse, a VDI arranhou um namorado. Coitado do cara. Ela é uma mulher assustadora. Admito ter ficado apavorado com ela na única vez em que a vi, porque, falando sério, ela é maleficamente doída, e deve ficar com uma aparência assustadora quando se veste de preto. É provável que tenha feito algum feitiço para o coitado do namorado, porque ele quer levá-la para passar o verão no sul da França. Aparentemente, quer passar um tempo a sós com ela.

Tomara que ele não acabe num caldeirão cheio de sapos e coisas nojentas, é só o que posso dizer.

Enfim, o resumo é que ficaremos com a Chloë.

Minha mãe parecia nitidamente nervosa ao me contar isso, agora há pouco, mas estava fazendo uma bela encenação, falando em como isso seria ótimo para o papai, depois de tantos anos sem ver a filha. O mais preocupante de tudo foi ela me dizer que ia ficar meio apertado, porque a Chloë precisaria ter seu próprio quarto. E as “pessoas” teriam que dividir o espaço.

Sei o que ela estava insinuando.

Sinto muito. Não vou, de jeito nenhum, em nenhuma circunstância, dividir um quarto com o Rupes. Durmo no banheiro ou, se for necessário, do lado de fora ou em qualquer lugar que não seja com ele. Posso suportar que o meu espaço pessoal seja invadido durante o dia, desde que eu saiba que o terei de volta à noite.

Portanto, mãezinha querida, negativo, nada feito.

Ela também disse que devemos ser receptivos à Chloë, ajudá-la a se sentir parte da nossa família. Da nossa seja-lá-qual-for-o-oposto de família nuclear.

Nossa! Disfuncional ou o quê? Alguém devia redigir uma tese sobre nós. Ou talvez eu deva.

Fico deitado na cama, olhos cravados no teto, depois de quase me envenenar com o repelente cipriota de mosquitos que mamãe me trouxe da loja – que deve estar tão cheio de substâncias proibidas que, de quebra, vai me matar junto – e tento calcular quantas linhagens diferentes existem na nossa família.

O único problema é que...

Eu gostaria de conhecer todas as minhas.